

## **Günter Kunert**

traduzido por **André Pinheiro**

Günter Kunert é um dos mais versáteis e representativos escritores da literatura contemporânea alemã. Sua obra (que atinge o montante de mais de 100 livros publicados) abrange os gêneros da poesia, do conto, do ensaio e da ficção científica. Kunert nasceu em março de 1929 na cidade de Berlim. Filho de mãe judia, foi proibido pelas leis raciais nazistas de ascender à Escola secundária depois de concluir os estudos na Escola primária. Após a Segunda Guerra Mundial, o escritor cursou cinco semestres de Desenho gráfico na parte oriental de Berlim, mas optou por abandonar os estudos. Tempos depois, Kunert ministraria cursos de Estética da arte como professor visitante na Universidade do Texas (1972 – 1973) e na Universidade de Warwick, Inglaterra (1975). Hoje, o escritor vive com a esposa no pequeno município de Kaisborstel, no extremo norte da Alemanha, e se dedica exclusivamente à carreira literária.

Günter Kunert sempre teve uma postura crítica em relação à crença no progresso, ao nacionalismo, ao socialismo e ao regime político da antiga República Democrática Alemã. Em função das imagens do progresso, os seus primeiros poemas têm uma tonalidade quase expressionista, mas, com o passar do tempo, eles vão se tornando cada vez mais cétricos e pungentes. De modo geral, a sua obra está marcada pela dolorosa lembrança da guerra, o que – em parte – explica a acentuada fragmentação da forma poética.

## **Als ich noch ein Baum gewesen**

Als ich noch ein Baum gewesen,  
Hielt ich mich mit Wurzeln in der guten Erde fest  
Und liebte die Erde, weil diese  
Mich aus sich kommen läßt.

Weil ich aufwuchs, ragte ich endlich  
Über Sträucher und Büsche hinaus:  
Die Welt ward mir größer und weiter,  
Zeigte Gaskammern, Galgen und Zellen  
Und sah wie ein Schlachthof aus.

Damals habe ich mich entschlossen,  
Nicht länger Baum zu sein;  
Und zog mich aus dem Boden mit Macht  
Und mischte mich in das Leben der Menschen  
Ganz unauffällig ein.

Ein Baum! Den der Anblick der Kämpfe  
Aus den friedlichen Wäldern trieb!

## ***No tempo em que eu era uma árvore***

*No tempo em que eu era uma árvore,  
eu me agarrava firmemente às raízes da boa terra  
e eu amava a terra, porque ela  
me permitia brotar.*

*E como fui crescendo, finalmente me elevei  
por cima dos arbustos e do matagal:  
diante de mim, o mundo se abria maior e longínquo,  
mostrando câmaras de gás, forcas e células  
e mais parecendo um matadouro.*

*Naquele momento decidi  
não ser mais árvore.  
E me arranquei do chão com força  
e, muito discretamente,  
me misturei à vida dos homens.*

*Uma árvore... que a visão das batalhas  
arrastou para fora da floresta tranquila.*

## **Die Sonne scheint. Aus den Fenstern**

Die Sonne scheint. Aus den Fenstern.  
Des neuen Hauses schauen die Frauen  
Auf spielende Kinder. Über den  
Himmel fliegt ein Flugzeug, über  
Die Gesichter zieht ein Schatten.  
Sie erinnern sich.

## ***O sol brilha. Da janela***

*O sol brilha. Da janela.  
As mulheres da casa nova olham  
para as crianças brincando. Acima do  
céu voa um avião, sobre  
o rosto desenha-se uma sombra.  
Você deve se recordar.*

## Nächtliches Lamento

Das wortreiche nichtssagende Germurmeln  
von Dichtern  
in den unergründlichen Schlachthäusern  
der toten Seelen.

Wieviele Reime gibt es auf «Veronal»?

Die Schlafmützigkeit der Monster  
gebiert bedruckte Blätter  
zumeist zuletzt vom Winde verweht.

Kein Gebet, kein Gesang, keine Beschwörung  
des gefallenen Engels der Geschichte.

Luzifertiges  
in handlichem Format, nachfüllbar,  
vor Gebrauch zu schützen.

Und du sollst deine Feinde lieben,  
weil sie Sorge tragen  
für deine Bodenhaftung  
sogar.

## *Lamento noturno*

*A eloquência prolixa e sem sentido*

*dos poetas*

*nos misteriosos matadouros*

*das almas mortas.*

*Quantas rimas se podem formar a partir de “veronal”?*

*A sonolência dos monstros*

*deu a luz a folhas impressas,*

*quase sempre carregadas, no fim, pelo vento.*

*Nenhuma prece, nenhum canto, nenhuma invocação*

*do anjo caído das histórias.*

*Luciferpronto*

*em formato manual, recarregável,*

*para se proteger contra o uso.*

*E debes amar aos teus inimigos,*

*porque eles trazem inquietação*

*até mesmo para que pises*

*firme no solo.*

## **Lass uns reisen**

Die Lokomotiven tönen. Die Züge  
Warten. Lass uns reisen.

Berge und Seen. Vergangenheit  
Und Gegenwart. Wald und Sumpf.  
Träume und Leben. Unaufhaltsam  
Ziehen vorbei sie.

Lass uns reisen in  
Gewissheit: Wo wir auch anlangen,  
Liegt das Ziel  
Schon hinter uns.

## ***Vamos viajar***

*As locomotivas soam. Os trens  
esperam. Viajemos.*

*Montanhas e lagos. Passado  
e presente. Floresta e pântano.  
Sonhos e vida. Inevitavelmente  
eles passam.*

*Viajemos com  
confiança: mesmo aonde chegamos,  
ainda fica o destino  
atrás de nós.*

## **Geschenk morpheisch**

Träume werden zugeteilt  
wie Noten in der Schule  
wie das Essen im Krieg.  
Keine Wahl.

In einer der elenden Nächte  
späten Daseins  
die Wiederkehr einer frühen  
Geliebten. Ihre Haut  
so glatt und frisch  
als sei sie eben erst  
mit unter die Decke geschlüpft.

Deine verkrümmten Finger  
streicheln das Laken.

Ein letztes Glück  
vor dem Niemehrerwachen  
in keiner Ewigkeit.



## ***Presente morfeico***

*Os sonhos nos são impostos*

*como notas na escola*

*e a comida na guerra.*

*Sem alternativa.*

*Em uma presença tardia*

*das noites miseráveis*

*o retorno de uma antiga*

*amante. Sua pele*

*tão lisa e fresca*

*como se agora mesmo ela a tivesse*

*metido debaixo de um cobertor.*

*Teus dedos retorcidos*

*afagam a folha.*

*Um último desejo*

*antes de nunca mais despertar*

*em nenhuma eternidade.*

## **Ins Morgenland**

Der Boden jedem Schritte unbekannter.  
Du spürst die Wahrheit: Nichts als Grauen.  
Schon Deportierter, nicht mehr Abgesandter.  
Verloren Weg und Steg und das Vertrauen  
an jede gute Heimkunft unterdessen.  
Was dich erwartet, mußt du täglich lesen  
und mühest dich ab, es zu vergessen:  
Daß du zur Zukunft unterwegs gewesen.

## ***No Oriente***

*O chão de cada estranho passo.  
Percebes a verdade: nada de espanto.  
Uma vez deportado, não mais um mensageiro.  
Estrada perdida e ponte e, enquanto isso, a confiança  
em cada bom retorno ao lar.  
Precisas ler diariamente e se esforçar  
para esquecer aquilo que esperas:  
que estás a caminho do futuro.*

---

**André Pinheiro** é doutor em Estudos da Linguagem (área de concentração: Literatura comparada) pela UFRN. Desenvolve pesquisas no campo da Literatura Brasileira e da Teoria da Literatura, voltando-se mais especificamente para o estudo analítico da poesia contemporânea. E-mail: andre.pinheiro@yahoo.com.br